

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 1-13, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.2.40156</p>	

SEÇÃO: ARTIGO

Teamwork Scale for Youth: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas para o contexto esportivo

Teamwork Scale for Youth: Cross-cultural adaptation and psychometric properties for the sport context

Teamwork Scale for Youth: Adaptación transcultural y propiedades psicométricas para el contexto deportivo

Maynara Priscila Pereira da Silva¹

orcid.org/0000-0002-4027-8985
maynarapriscilap@gmail.com

Evandro Morais Peixoto¹

orcid.org/0000-0003-1007-3433
peixotoem@gmail.com

Recebido em: 15 fev.2021.

Aprovado em: 18 set.2023.

Publicado em: 22 dez.2023.

Resumo: A pesquisa teve como objetivo adaptar a *Teamwork Scale for Youth* (TSY) para o contexto esportivo brasileiro, estimar as primeiras evidências de validade com base na estrutura interna, na relação com variáveis externas (Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional) e precisão. A amostra foi composta por 250 atletas, com idades entre 14 e 24 anos (média 18,4±2,38, 59,2% mulheres). Análise de juizes e estudo-piloto indicaram validade de conteúdo. A Análise Fatorial Exploratória (AFE) indicou adequação da estrutura unidimensional capaz de explicar 59,35% da variância dos dados. Os indicadores de precisão superiores a 0,85 demonstraram nível de consistência interna satisfatório. Conforme a expectativa teórica, verificou-se associação positiva entre capacidade de trabalho em equipe com as variáveis convergentes Paixão Harmoniosa (PH) e Clima Orientado à Tarefa. Os resultados asseguram as primeiras evidências de validade da TSY e sugerem que o instrumento é uma medida adequada da competência de trabalho em equipe em jovens atletas.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Psicologia do Esporte; Psicometria; Análise Fatorial.

Abstract: The research aimed to adapt the *Teamwork Scale for Youth* for the Brazilian sport context, estimate the first validity evidence based on the internal structure, the relationship with external variables (Passion for Sport and Motivational Climate) and reliability. The sample consisted of 250 athletes, aged 14 to 24 years (mean 18.4 ± 2.38, 59.2% women). Experts judge analysis and pilot study indicated content validity. The Exploratory Factor Analysis (EFA) indicated the adequacy of the one-dimensional structure capable of explaining 59.35% of the data variance. Reliability indicators greater than 0.85 showed a good level of internal consistency. In accordance with theoretical expectations, there was a positive association between the ability to work in groups with the convergent variables Harmonious Passion and Task-Oriented Motivational Climate. The results ensure the first validity evidence for the Brazilian version of TSY and suggest that the instrument is an adequate measure of the perception of teamwork in young athletes.

Keywords: Psychological Assessment; Sport Psychology; Psychometrics; Factor Analysis.

Resumen: La investigación tuvo como objetivo adaptar la *Teamwork Scale for Youth* al contexto deportivo brasileño, estimar las primeras evidencias de validez en base a la estructura interna, la relación con variables externas (Pasión por el deporte y Clima Motivacional) y precisión. La muestra estuvo formada por 250 deportistas, de 14 a 24 años (media 18,4 ± 2,38, 59,2% mujeres). El análisis de jueces y el estudio piloto indicaron validez de contenido. El Análisis Factorial Exploratorio (AFE) indicó la adecuación de la estructura unidimensional capaz de explicar el 59,35% de la varianza de los datos. Los indicadores de precisión superiores a 0,85 mostraron un buen nivel de consistencia interna. De acuerdo



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade São Francisco (USF), Campinas, SP, Brasil.

con las expectativas teóricas, hubo una asociación positiva entre la capacidad de trabajar en grupo con las variables convergentes Pasión Armoniosa y el Ambiente Motivacional Centrado en la Tarea. Los resultados aseguran la primera evidencia de validez para la versión brasileña de TSY y sugieren que el instrumento es una medida adecuada de la percepción del trabajo en equipo en atletas jóvenes.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología del Deporte; Psicometría; Análisis Factorial.

O Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ) é uma abordagem que surgiu com o objetivo de fomentar características positivas em indivíduos jovens, abrangendo os adolescentes e os jovens adultos (Lerner et al., 2005), conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS) (Ministério da Saúde, 2007) isto é, com idades até 24 anos, sob a perspectiva de que estes possuem capacidades e habilidades que podem ser promovidas nesta etapa do desenvolvimento (Lerner et al., 2005). Entre essas habilidades, a literatura vem apoiando a premissa do desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe (Bean et al., 2018; Gould & Carson, 2008; Rigoni et al., 2017), que pode ser definida como a habilidade de colaborar ou trabalhar em conjunto para atingir um objetivo em comum, para o contexto que está inserido ou para a equipe (Cater & Jones, 2014). Contudo, ainda observa uma escassez de instrumentos de avaliação da capacidade do trabalho em equipe, o que limita a realização de pesquisas quantitativas que visam explorar a associação deste construto com outras variáveis. A fim de preencher essa lacuna, Anderson-Butcher et al. (2014b) desenvolveram a *Teamwork Scale for Youth* (TSY), uma ferramenta que visa à mensuração da capacidade percebida por jovens atletas em colaborar com algum membro da equipe ou com a equipe em geral. Estudos de evidências de validade da TSY têm demonstrado adequação do instrumento em mensurar o construto-alvo, bem como a sua potencialidade em ser empregada na avaliação de programas relacionados ao Desenvolvimento Positivo de Jovens, uma vez que a habilidade do trabalho em equipe faz parte das variáveis socioemocionais intencionalmente desenvolvidas por grande parte destes programas (Newman et al., 2017). Considerando a ausência, até o mo-

mento, de instrumentos com essa característica disponíveis ao contexto esportivo brasileiro, a presente pesquisa teve como principal objetivo adaptar a TSY para o contexto esportivo e estimar as primeiras evidências de validade e precisão em uma amostra de jovens atletas brasileiros.

A capacidade de trabalhar em equipe é uma variável muito valorizada no contexto esportivo. Estudos têm demonstrado a potencialidade deste contexto, como facilitador do desenvolvimento desta habilidade e possibilidade de suas aplicações em outros contextos sociais (família, escola e sociedade), caracterizando-se como uma importante habilidade para a vida (Freire et al., 2020; Lower et al., 2015). Neste sentido, promover a capacidade de trabalhar com outras pessoas passou a ser um dos objetivos de muitos programas do DPJ, uma vez que ao contribuir para o desenvolvimento deste conjunto de habilidades os jovens poderiam colher benefícios para além do grupo/contexto esportivo (Bean et al., 2018; Freire et al., 2020).

Este trabalho envolve membros que estão dispostos a interagir com o outro, de forma que possam saber dialogar e questionar sem diminuir ou ofender o colega. Nesse sentido, trabalhar com outras pessoas permite o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como: resolução de problemas, negociação, *feedback*, divisão/cumprimento de papéis e responsabilidades, ou seja, a construção do trabalho em equipe diz respeito aos membros de um grupo que demonstram comportamentos pró-sociais em relação ao outro (Anderson-Butcher et al., 2014a; Cater & Jones, 2014; Gould & Carson, 2008). Além disso, o trabalho em grupo se torna realmente necessário para que os atletas possam aumentar seu desempenho e eficiência, dado que cada membro tem uma função a desenvolver. O conjunto dessas tarefas permite o alcance do objetivo comum ao grupo, como, por exemplo, melhorar o rendimento esportivo. Dessa forma, as funções ou tarefas podem ser consideradas interdependentes, possibilitando maior colaboração e cooperação dos participantes, por consequência, auxiliando para o desempenho da equipe e um

funcionamento mais eficaz (Lower et al., 2015).

Nessa perspectiva, entende-se que o trabalho em equipe é fundamental, uma vez que pertencer a um grupo possibilita a prevenção de comportamentos desadaptativos (uso de drogas, baixa autoestima, evasão escolar) (Anderson-Butcher et al., 2018; Cater & Jones, 2014), sendo associado a aspectos positivos, como autoestima, controle emocional e outras habilidades que podem ser usadas em diferentes áreas (escola, comunidade, família) (Anderson-Butcher et al., 2018). Contudo, a capacidade de promover as habilidades depende da compreensão da posição que cada um exerce na equipe, bem como os sentimentos que envolvem o grupo (Newman et al., 2017).

Em suma, é preciso compreender como a equipe funciona no seu todo, desde as construções do grupo, dinâmicas, coesão e relacionamento social (Lower et al., 2015). Comportamentos que estão associados a essa circunstância, de forma colaborativa, são: encorajamento, sensibilidade e comunicação. Em relação a atitudes, estas são: percepção e valorização (Cater & Jones, 2014). Dessa forma, uma medida para avaliar a capacidade de trabalho em equipe pode auxiliar pesquisadores e profissionais da área, visto que irá fornecer indicadores críticos para o desenvolvimento de intervenções juntos a equipes esportivas, como também irá dar suporte para identificar e promover intervenções que auxiliem os jovens com baixa competência para o trabalho em equipe (Lower et al., 2015).

Embora a capacidade de trabalho em grupo seja altamente valorizada por profissionais do contexto esportivo e pesquisadores das ciências do esporte (Lower et al., 2015; McEwan & Beauchamp, 2020), a literatura revela que os instrumentos disponíveis são limitados para medir essa potencialidade junto à população de jovens atletas. A maior parte dessas medidas é focada para profissionais, por exemplo, *Perceptions of Effective Interprofessional Teams Scale* (Heinemann & Zeiss, 2002) e *Mayo High Performance Team Scale* (Malec et al., 2007). Ou seja, tem o objetivo de avaliar a percepção das habilidades do trabalho em equipe no local de trabalho, seja

em hospitais, indústrias ou outros ambientes que exigem a prática do trabalho em grupo dos profissionais.

Diante desta lacuna, Anderson-Butcher et al. (2014b) elaboraram uma medida, nos Estados Unidos da América, que tem o objetivo de avaliar a capacidade percebida de jovens atletas em colaborar com o outro ou com a equipe, a TSY. A TSY foi construída com base nas etapas de desenvolvimento de escala delineado por DeVellis (2003), para isso, uma ampla revisão de literatura foi realizada por pesquisadores com experiência em trabalho social e métodos de pesquisa, verificando as definições conceituais sobre o trabalho em equipe. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com especialistas, para a compreensão das competências sociais e representações comportamentais que expressassem este construto. Dessa forma, foram identificados os conteúdos teóricos e empíricos para a elaboração dos itens.

Assim, os pesquisadores Anderson-Butcher et al. (2014b) construíram 10 itens que abordavam atitudes e comportamentos representantes do trabalho em equipe, tais item foram então avaliados por um especialista em DPJ que sugeriu evidências de validade do instrumento com base no conteúdo, uma vez que o conjunto de itens buscava acessar a natureza do trabalho em equipe de forma abrangente e representativa, com itens avaliando atitudes frente ao trabalho em equipe (e. g. 1. Eu penso que trabalho em equipe é importante), o engajamento (e. g. 4. Esforço-me para incluir os colegas de equipe em conversas e atividades do grupo) e a comunicação (e. g. 6. Sei como conversar sobre as atitudes ou ações dos meus colegas de equipe). Estudos iniciais foram propostos pelos autores com o objetivo de explorar a estrutura interna do TSY por meio de análise fatorial exploratória e medidas de consistência interna que sugeriram a organização dos itens em uma estrutura unidimensional (Anderson-Butcher et al., 2014 como citado em Lower et al., 2015, p. 718).

No entanto, estudos mais robustos sobre essas propriedades foram conduzidos por Lower et

al. (2015), aplicando a escala, em três diferentes ocasiões, em uma amostra de 460 jovens participantes de um programa esportivo de verão baseado na perspectiva do DPJ, com a duração de 19 dias. Os participantes tinham idades entre 9 e 15 anos, eram de ambos os sexos (58,3% masculino) e praticavam diferentes modalidades esportivas. Para a avaliação da estrutura interna, os autores empregaram análise fatorial confirmatória e estimativa do coeficiente Alfa de Cronbach. Adicionalmente, buscaram estimar validade com base na relação com variáveis externas, sendo elas: Competência Social e Medidas de Compromisso, com intuito de identificar a relação entre as variáveis (validade concorrente) e investigar se os escores do TSY são capazes de impactar nos outros instrumentos aplicados (validade preditiva). Os resultados indicaram adequação para a estrutura unidimensional ($\chi^2(372) = 36,96$, $p < .001$; CFI: 0,97; GFI: 0,89; RMSEA: 0,05; SRMR: 0,04). Contudo, a inspeção das cargas fatoriais e a avaliação dos índices de modificação sugeriam a exclusão de dois itens, o que contribuiu para o incremento dos índices GFI e RMSEA, que, de acordo com a referência utilizada pelos autores, deveriam apresentar valores superiores a 0,9 para GFI e inferiores a 0,05 para RMSEA.

Desta forma, os pesquisadores Lower et al. (2015), ao excluírem os itens 1 e 2, os índices de ajustes apresentaram valores superiores, comparados ao anterior ($\chi^2(225) = 455,60$, $p < 0,001$; CFI: 0,98; GFI: 0,92; RMSEA: 0,04; SRMR: 0,04), com cargas fatoriais variando de 0,38 a 0,85. Em relação à precisão, verificou-se que a confiabilidade foi satisfatória, visto que o Alfa de Cronbach foi igual a 0,88. Em relação às evidências de validade baseada em outras variáveis, os resultados indicaram associação significativa e positiva entre a capacidade percebida de trabalho em equipe com competências sociais ($r = 0,64$) e as medidas de compromisso ($r = 0,59$). Por fim, os autores realizaram uma análise de invariância do modelo de medida para o teste da estabilidade temporal, a partir das aplicações do instrumento efetuadas ao longo dos 19 dias que compuseram o programa esportivo (início, meio e final). Os re-

sultados asseguraram estabilidade da estrutura fatorial e das cargas fatoriais apresentadas pelos itens ao longo das aplicações.

Lower et al. (2015) ainda enfatizaram a importância de se contar com uma medida versátil e de fácil aplicação como a TSY, com propriedades psicométricas que assegurem a capacidade da medida para avaliar as percepções de jovens em relação à sua competência de trabalho em equipe no contexto esportivo. Pois o desenvolvimento de um instrumento com essas características contribuiria para estudos futuros sobre os programas do DPJ e preencheria uma lacuna em relação à escassez de medida que avalie o trabalho em equipe com a população de jovens atletas. Com base no exposto, a presente pesquisa teve como principal objetivo adaptar transculturalmente o TSY e estimar as primeiras evidências de validade para o contexto esportivo. Para tanto, a pesquisa é estruturada em dois estudos: 1) adaptação transcultural e estimativa de evidências de validade com base no conteúdo dos itens; 2) estimativa de evidência e validade com base na estrutura interna, precisão e relação com variáveis externas (Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional).

A escolha das variáveis externas se baseou na orientação teórica de que variáveis individuais e contextuais podem ser determinantes para o desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe. Desta forma, optou-se pela avaliação da Paixão pelo Esporte, que corresponde à maneira como o indivíduo se relaciona na atividade esportiva. De acordo com Vallerand (2015), a paixão pode ser definida com uma forte inclinação para uma atividade que a pessoa considera importante, investe tempo e energia na sua realização. Essa relação pode assumir duas formas, Paixão Harmoniosa (PH) ou Paixão Obsessiva (PO). A primeira, resulta de uma internalização autônoma da atividade à identidade da pessoa, fazendo com que esta tenha uma sensação de controle sobre a atividade e que ela possa ser integrada de forma harmoniosa a outras atividades da vida, estando associada a emoções positivas e resultados adaptativos. A PO é resultante de uma internalização controlada da atividade e está ligada a pressões

internas ou externas impostas ao praticante, associando-se a experiências e emoções negativas e comportamentos desadaptativos no contexto do esporte (Schellenberg et al., 2019).

Em relação ao determinante contextual da percepção da capacidade do trabalho em equipe, avaliou-se o clima motivacional. De acordo com Duda (1993), existem dois tipos de clima motivacionais: Orientado ao Ego e Orientado à Tarefa. No primeiro, os agentes promotores da prática esportiva (comissão técnica/gestores/pais) geram um clima competitivo entre os colegas de equipe, causando sentimentos negativos (por exemplo, tensão e angústia) (Bruner et al., 2011; Duda, 1993). Já o Orientado à Tarefa consiste em trazer estímulos de cooperação entre os participantes, conseqüentemente, acarretando o trabalho de equipe mais saudável, isto é, fornecendo suporte para que os jovens possam trabalhar em conjunto buscando um objetivo comum, como também incentivando a empatia, a decisão coerente, a responsabilidade, os relacionamentos sociais e outras características que fazem parte do trabalho em equipe (Bruner et al., 2011; Brum & Santos, 2020).

A partir destas compreensões teóricas, a presente pesquisa se baseou nas seguintes hipóteses: 1) a versão adaptada da TSY apresentará evidências de validade de conteúdo para o contexto esportivo brasileiro; 2) Os dados provenientes da amostra brasileira se ajustarão à estrutura interna unifatorial; 3) O nível de precisão será satisfatório, com coeficientes Alfa e Ômega superiores a 0,7; 4) Espera-se que a correlação do trabalho em equipe com as variáveis PH e Clima Orientado à Tarefa seja moderada e positiva, caracterizando evidência de validade convergente, enquanto com a PO e o Clima Orientado ao Ego seja nula, caracterizando evidência de validade discriminante.

Estudo 1: Adaptação transcultural e evidências de validade de conteúdo dos itens da TSY

Método

O processo de adaptação do instrumento prosseguiu de acordo com as consecutivas etapas: 1) tradução do instrumento para o novo idioma; 2) Síntese das versões traduzidas; 3) Avaliação da síntese por *experts*; 4) Tradução reversa; e 5) Estudo-piloto, conforme proposto por Borsa et al. (2012). O processo de tradução da escala foi realizado por três profissionais, sendo um psicólogo bilingue e dois professores da língua inglesa, de maneira independente. Após as traduções, um comitê composto por cinco pesquisadores se reuniu para a composição de uma versão síntese. Para a etapa de avaliação da versão síntese por *experts*, contou-se com a participação de três juízes independentes, especialistas em avaliação psicológica e psicologia do esporte. Vale ressaltar que estes profissionais são professores universitários coordenadores de grupos de estudos voltados à realização de pesquisas em psicologia do esporte e do exercício.

Para a estimativa das evidências de validade de conteúdo, empregou-se o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), proposto por Hernández-Nieto (2002). Esse coeficiente tem por objetivo avaliar a concordância entre os juízes, no que diz respeito à clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica dos itens. Foram considerados adequados os itens que apresentaram valores $\geq 0,80$ (Cassepp-Borges et al., 2010). De posse das primeiras evidências de validade com base no conteúdo, procedeu-se a tradução reversa (*Back-translation*). A finalidade foi a de avaliar em que medida a versão traduzida estava refletindo adequadamente o conteúdo do item, conforme propõe a versão original. Novamente reuniu-se o comitê de pesquisadores que atestaram a adequação da versão brasileira da TSY.

Por fim, foi realizado um estudo-piloto para a avaliação da adequação dos itens, acerca do significado, da dificuldade da compreensão dos itens e das instruções referente à aplicação do teste (Borsa et al., 2012). A amostra foi composta por 12 jovens atletas, com idades entre 14 a 21 anos (média $16,8 \pm 2,38$), de ambos os sexos (50% de cada grupo), praticantes de modalidades esporti-

vas coletivas e individuais. Foram encaminhados inicialmente os termos de consentimento e de assentimento, de forma antecipada, ao *e-mail* dos pais e/ou responsáveis. Como a quantidade de indivíduos foi pequena, a aplicação do estudo foi realizada por meio de uma chamada de vídeo. Participaram da chamada apenas os adolescentes que os pais ou responsáveis consentiram formalmente, bem como aqueles que assentiram a sua participação.

Resultados

A TSY foi analisada usando três critérios: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Na primeira versão da escala, 30% dos itens apresentaram CVC abaixo de 0,80 em relação à clareza de linguagem, enquanto os outros ficaram acima de 0,80. Os itens que alcançaram os valores abaixo do esperado foram: (4. Sei como dar *feedback* aos membros de minha equipe sem machucar seus sentimentos) = 0,53; (6. Esforço-me para incluir outros membros da minha equipe) = 0,73; (7. Valorizo as contribuições dos membros da minha equipe) = 0,73. Em relação ao critério de pertinência prática e relevância teórica, todos os itens ficaram acima do esperado, alcançando o valor 1, com exceção do item 10, na avaliação da relevância teórica, que obteve índice de 0,93. Dada a importância em alcançar os valores iguais ou superiores a 0,80, uma segunda avaliação foi encaminhada aos juízes, considerando os valores de CVC e as sugestões de modificação dos itens descritas pelos avaliadores. Dessa forma, foi enviado um novo documento com os itens reformulados para a avaliação dos três critérios, pensando que poderiam afetar nos valores de pertinência prática e relevância teórica. Após a nova rodada de avaliação, todos os itens apresentaram resultados satisfatórios, ou seja, igual ou superior a 0,80.

Após a etapa de análise dos juízes, foi realizada a retrotradução, que indicou não ter problemas, dado que os itens não apresentaram gírias ou expressões importantes. Por fim, foi realizado o estudo-piloto com dois grupos focais de seis integrantes cada, aplicando o instrumento para a

avaliação da interpretabilidade do conteúdo dos itens da versão brasileira do TSY em relação ao seu significado e à dificuldade de compreensão. Todos os participantes relataram não encontrar dificuldade na compreensão dos itens e das instruções de resposta, responderam sem qualquer dificuldade e afirmaram não ter dúvidas quanto à escrita; também disseram não ter sugestões, pois acreditavam que as palavras já estavam adequadas ao vocabulário do seu cotidiano, não sendo necessário, dessa forma, realizar modificações e um novo estudo-piloto.

Estudo 2: Estrutura interna, precisão e relação com variáveis externas

Método

Participantes

A amostra, por conveniência, foi composta por 250 atletas, com idades entre 14 e 24 anos (média $18,4 \pm 2,38$), de ambos os sexos (59,2% mulheres). Os participantes são residentes das diferentes regiões do Brasil: Sudeste (56,4%), Sul (18,4%), Nordeste (15,2%), Centro-Oeste (7,6%), Norte (2,4%). Os atletas, em geral, têm experiência acima de três anos (84,8%) e competem em níveis nacionais (38,4%), internacional (34,4%), estadual (16%) e regional (11,2%), em modalidades coletivas e individuais (por exemplo, vôlei, natação, rugby, atletismo, esgrima, futsal, basquete).

Instrumento

Escala de Trabalho em Equipe para Jovens (TSY) (Anderson-Butcher et al., 2014b): tem por objetivo avaliar a capacidade percebida dos jovens de colaborar e trabalhar com outras pessoas com a finalidade de alcançar um objetivo comum no contexto de grupo. A escala é composta por 10 itens, cujo conteúdo versa sobre as atitudes e os comportamentos relacionados ao trabalho em equipe, em que os participantes respondem usando uma escala Likert de cinco pontos, que varia de "completamente falso" a "completamente verdadeiro". Estudos das propriedades

psicométricas da TSY sugeriram adequação da estrutura interna unidimensional e coeficiente de consistência interna igual a 0,88 (Lower et al., 2015). A versão que será utilizada neste estudo foi traduzida e adaptada no estudo 1.

Escala de Paixão pelo Esporte (EP) (Vallerand et al., 2003): uma medida composta por 12 itens que avaliam as duas dimensões da paixão: PH (6 itens) e PO (6 itens). Os participantes precisam responder aos itens usando uma escala tipo Likert de sete pontos, os quais variam entre "não concordo" a "concordo plenamente". Os resultados do estudo das propriedades psicométricas da versão original, indicaram adequação da estrutura interna de dois fatores relacionados, bem como bons níveis de consistência interna. A adaptação da EP para o contexto brasileiro foi realizada por Peixoto et al. (2019), em que se verificaram, a replicabilidade da estrutura interna e os indicadores de precisão considerados satisfatórios para os fatores, coeficientes alfa para PH = 0,81 e PO = 0,75.

Questionário de Clima Motivacional Percebido no Esporte 2 (PMCSQ-Versão reduzida): O PMCSQ-2 foi construído por Newton et al. (2000), uma medida da percepção do atleta em relação ao clima motivacional no contexto esportivo. Sendo composto por 33 itens respondidos por meio de escala Likert de cinco pontos, variando de "discordo totalmente" a "concordo totalmente" e sendo dividido em dois fatores: orientação ao ego (contém 16 itens) e orientação à tarefa (avalia 17 itens). A versão breve é composta por 18 itens distribuídos igualmente nos dois fatores, foi proposta a partir dos resultados da verificados por Saldanha et al. (2022) mantendo a cobertura do conteúdo apresentado pela versão longa, a mesma estrutura fatorial e consistência interna superior a 0,8.

Questionário sociodemográfico: foi desenvolvido especificamente para o presente estudo, com a finalidade de caracterização da amostra. Tal ferramenta levantou informações a respeito da idade, sexo, modalidade esportiva (indicar se é coletivo ou individual também), o tempo de experiência da modalidade e o nível de competição.

Procedimentos

No primeiro momento, foram contatados clubes, projetos esportivos e escolas que ofereciam a prática de esporte para crianças e adolescentes no contexto escolar, em projetos sociais e de rendimento esportivo. Após o consentimento, o projeto foi submetido ao comitê de ética de pesquisa com seres humanos da (CAAE: 36510320.0.0000.5514). Com a aprovação, a autora da pesquisa entrou em contato novamente com as instituições que deram autorização inicialmente, para solicitar o contato dos pais e/ou responsáveis dos jovens. O contato foi feito com o intuito de explicar os objetivos do estudo, sendo posteriormente encaminhado por *e-mail* um link com um formulário que foi disponibilizado aos participantes.

Em virtude do isolamento social como enfrentamento da Pandemia de Covid-19, a aplicação aconteceu on-line, por meio da plataforma Google Forms. A participação dos jovens foi totalmente voluntária e estando condicionada ao consentimento formal dos pais ou responsáveis, bem como do adolescente. Aos sujeitos com idades inferiores a 18 anos, o termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado ao responsável pelo adolescente, sendo também apresentado o termo de assentimento, a ser endossado pelo adolescente. Em relação aos sujeitos com mais de 18 anos, o termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado diretamente a eles.

Plano de análise de dados

Para a avaliação das primeiras evidências de validade da *Teamwork Scale for Youth*, foi empregado o procedimento de Análise Paralela (AP), considerado um dos principais métodos disponíveis atualmente para estimar a dimensionalidade de um conjunto de itens (Damasio, 2012; Lim & Jahng, 2019). Na sequência, a solução fatorial foi estimada usando a Análise Fatorial Exploratória (AFE), com método de estimação *Unweighted Least Squares* (ULS) e matriz de correlação polinômica, apropriada ao nível de mensuração ordinal, escala Likert. Foram avaliadas a adequação da estrutura fatorial, as cargas fatoriais e a porcen-

tagem de variância explicada. Para tanto, foram considerados os seguintes valores: χ^2/gf deve apresentar valores inferiores a 3; *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI) devem apresentar valores acima de 0,90; *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) deveria ser inferior a 0,08 (90% IC); e cargas fatoriais iguais ou superior a 0,30. Para a realização destas análises foi empregado o *software* Factor versão 10.3 (Hongyu, 2018; Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

Em relação aos indicadores de precisão da escala, foram calculados os coeficientes Alfa de Cronbach e Ômega McDonald's. Para a classificação da confiabilidade, foram considerados valores iguais ou acima de 0,70 como satisfatórios (Malacarne et al., 2017; Tabachnick & Fidell, 2019). Para a avaliação da relação com variáveis externas, empregou-se a correlação de Pearson, tendo como parâmetro a classificação de magnitude de correlação proposta por Cohen (1998): nulas (-0,09 a 0,09); pequenas (0,10 a 0,29); média (0,30 a 0,49); e grande (0,50 a 1,0). Por fim, empregou-se a análise de regressão múltipla para a avaliação do poder preditivo das variáveis PH e Clima Orien-

tado à Tarefa sobre a capacidade de trabalho em equipe. Foram verificadas as significâncias gerais do modelo, as contribuições significativas das variáveis independentes para explicações das variáveis dependentes β e a proporção total explicada das variáveis independentes R^2 . Para tais análises, utilizou-se o *software* Jamovi.

Resultados

Inicialmente, buscou-se a adequação dos dados por meio dos índices Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,88) e Teste de Esfericidade de Barlett ($\chi^2 (45) = 1471,1$; $p < 0,01$), os quais indicaram a adequação dos dados para serem submetidos à AFE. A partir destes indicadores, buscou-se verificar a dimensionalidade da escala, empregando a AP, que sugeriu a retenção de um fator. Na tabela 1, é possível observar o modelo estimado pela AFE, em que são apresentados o conteúdo, as cargas fatoriais e os índices de comunalidade dos itens, bem como a porcentagem da variância explicada e os indicadores de consistência interna apresentados pelo fator.

Tabela 1 - Resultados da AFE

Itens	Cargas fatoriais	h^2
1. Eu penso que trabalho em equipe é importante.	0,71	0,72
2. Pessoas que trabalham em equipes podem aprender mais do que se trabalhassem sozinhas.	0,69	0,76
3. Sinto-me confiante na minha capacidade de trabalhar em equipe.	0,79	0,78
4. Sei como conversar sobre as atitudes ou ações dos meus colegas de equipe.	0,72	0,84
5. Considero as opiniões de outras pessoas.	0,66	0,70
6. Esforço-me para incluir os colegas de equipe em conversas e atividades do grupo.	0,76	0,66
7. Valorizo os esforços dos colegas da minha equipe.	0,81	0,95
8. Trato os membros da minha equipe de maneira igual.	0,69	0,60
9. Sou bom em comunicar-me com os membros de minha equipe.	0,72	0,79
10. Sinto confiança na minha habilidade de ser um(a) líder.	0,52	0,59
Porcentagem de variância explicada	59,35	
Alfa de Cronbach	0,91	
Ômega McDonald's	0,91	

Os resultados da AFE indicaram que o modelo unidimensional, com 10 itens, tem índices de

ajustes satisfatórios ($\chi^2 (35) = 99,06$, $p < 0,001$; $\chi^2/gf = 2,84$, TLI = 0,97, CFI = 0,98, RMSEA = 0,08). Con-

forme o esperado, os itens apresentaram valores adequados em suas cargas fatoriais, variando entre 0,53 (item 10) e 0,82 (item 7), assim, ressalta-se que o modelo foi capaz de explicar 59,35% da variância total dos dados. Diferentemente do primeiro estudo de propriedades psicométricas da TSY, os itens 1 e 2 não apresentaram limitações, sugerindo o modelo com 10 itens como o adequado para jovens atletas brasileiros.

Em relação aos indicadores de precisão do TSY, tanto o Alfa de Cronbach como o Ômega de McDonald's indicaram níveis de consistên-

cia interna satisfatórios (Malacarne et al., 2017; Tabachnick & Fidell, 2019). Dessa maneira, os resultados dão suporte para as primeiras evidências com base na estrutura interna e precisão da versão brasileira da *Teamwork Scale for Youth* no contexto esportivo brasileiro. Uma vez estimadas as primeiras evidências com base na estrutura interna, buscou-se medir a relação do trabalho em equipe com as variáveis Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional. Os resultados desta análise estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2 - Relação do trabalho em equipe com as variáveis Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional

	Trabalho em Equipe	Paixão Harmoniosa	Paixão Obsessiva	Clima Orientado à Tarefa	Clima Orientado ao Ego
Trabalho em Equipe	—				
Paixão Harmoniosa	0,39*	—			
Paixão Obsessiva	0,11	0,43*	—		
Clima Orientado à Tarefa	0,34*	0,32*	0,10	—	
Clima Orientado ao Ego	-0,04	0,02	0,23*	-0,05	—

Nota: * = $p < 0,001$.

Conforme observado na tabela 2, as variáveis PH e Clima Orientado à Tarefa obtiveram correlações positivas e moderadas com o Trabalho em Equipe. Enquanto isso, a variável PO teve correlação pequena e o Clima Orientado ao Ego correlação nula. Nota-se também que PH com o Clima Orientado à Tarefa obteve relação moderada, o mesmo acontece com a PO e o Clima Orientado ao Ego. Em contraste, a PH, com o Clima Orientado ao Ego, apresentou associação nula, e a PO, com o Clima Orientado à Tarefa apresentou correlação fraca. Já os resultados da análise de regressão múltiplas indicaram que o modelo foi estaticamente significativo: $F(2) = 31,2$, $p < 0,001$; explicando 20% da variância da capacidade de trabalho em equipe. Assim, tanto a PH pelo esporte ($\beta = 0,18$) quanto o Clima Orientado à Tarefa ($\beta = 0,21$) foram os preditores individuais significativos no modelo.

Discussão

O presente estudo buscou adaptar e estimar

as primeiras propriedades psicométricas da *Teamwork Scale for Youth* para o contexto esportivo. Para tanto, diferentes métodos estatísticos foram empregados tendo em vista as diferentes evidências de validade avaliada: baseada no conteúdo, na estrutura interna e na relação com variáveis externas, bem como na avaliação da consistência interna. De modo geral, os resultados indicam adequação para o contexto esportivo e corroboram o estudo de Lower et al. (2015), de avaliação das propriedades psicométricas da versão original da TSY, ao apresentar uma estrutura unidimensional, com bons indicadores de precisão, relacionando-se conforme a expectativa teórica com as variáveis Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional.

Destaca-se a relevância dos estudos voltados para a estimação de evidências de validade de conteúdo e as indicações de adequação do conteúdo dos 10 itens que compõem a TSY, pois esses resultados corroboram aqueles observados por Anderson-Butcher et al. (2014b). Neste

estudo, os autores já destacam a importância da avaliação da atitude dos jovens em relação à importância do trabalho em equipe no contexto esportivo (expresso no conteúdo dos itens 1 e 2), bem como os comportamentos destes jovens, que expressam a capacidade de trabalho em equipe, como colaboração e cooperação com outros colegas (expresso no conteúdo dos itens 3 a 10). Tais resultados sustentaram a manutenção de todos os itens do instrumento nas etapas de avaliação empírica e indicaram as primeiras evidências de validade baseada no conteúdo da versão brasileira do TSY, conforme descrito pela American Educational Research Association (AERA), pela American Psychological Association (APA) e pelo National Council on Measurement in Education (NCME) (AERA, 2014), confirmando a hipótese 1, ao demonstrar evidências de validade de conteúdo.

Os resultados da AP e da AFE indicaram a adequação do modelo unifatorial, corroborando a definição teórica de que o trabalho em equipe pode ser compreendido como uma expressão geral da competência do jovem atleta em colaborar e trabalhar com outras pessoas para atingir um objetivo comum no contexto de grupo ou equipe (Cater & Jones, 2014; Lower et al., 2015; McEwan & Beauchamp, 2020). Tais resultados asseguram as primeiras evidências de validade baseada na estrutura interna da TSY (AERA, 2014), e confirmam a segunda hipótese que fundamentou este estudo, de que a estrutura interna unifatorial se ajustaria aos dados resultantes da amostra. Ainda em relação à estrutura interna, os indicadores de precisão observados na presente pesquisa apresentaram valores condizentes com aqueles observados na versão original da TSY, corroborando a hipótese 3, ao indicar a capacidade do instrumento em mensurar o construto alvo com baixo nível de erro associado à estimação do construto alvo da mensuração (Lower et al., 2015; Tabachnick & Fidell, 2019).

Destacam-se as associações entre os escores que indicam a competência do trabalho em equipe com as variáveis externas Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional. Os resultados sugerem

que atletas que apresentam uma relação com o esporte baseada na PH tendem a apresentar maiores níveis na capacidade de trabalho em equipe. Tais resultados são coerentes com aqueles apresentados por estudos que empregam o modelo dualístico da paixão, sugerindo que a PH está associada a sentimentos e emoções positivas, relações mais saudáveis com os indivíduos envolvidos na atividade apaixonada, gerando, assim, resultados mais adaptativos (Vallerand et al., 2003; Xavier et al., 2020). Por outro lado, era esperado que indivíduos movidos pela PO pelo esporte experienciassem afetos negativos, pressões internas e persistência exagerada, podendo prejudicar até outros domínios da vida do jovem (Luth et al., 2017), sendo caracterizado, dessa forma, como uma variável discriminante em relação à capacidade de trabalho em equipe.

Em relação ao Clima Motivacional, observou-se que apenas a fator Clima Orientado à Tarefa apresentou associação com a capacidade de trabalho em equipe, o que é coerente com a expectativa teórica, uma vez que este fator descreve ações dos agentes organizadores da prática esportiva para o clima de cooperação entre os atletas, para a ênfase no aprendizado e a melhora pessoal. Nessa perspectiva, compreende-se que para se atingir o sucesso é necessário trabalhar duro e colaborar com os outros participantes da equipe (Duda, 1993; Roberts, 2006). Em contrapartida, quando há um Clima Orientado ao Ego o sucesso pode ser compreendido pela sensação de superioridade em relação aos colegas do grupo, o que não é condizente com a perspectiva de trabalho em equipe. O conjunto desses resultados revela os primeiros indicadores de validade baseada na relação com variáveis externas (convergente e discriminante) (AERA, 2014), e confirma a hipótese 4.

Por fim, destacam-se as potencialidades de aplicação dos resultados obtidos na presente pesquisa, pois as análises de regressão linear múltipla indicaram o poder preditivo das variáveis PH e Clima Orientado à Tarefa sobre a capacidade de trabalho em equipe. Nesse sentido, entende-se que treinadores, dirigentes

esportivos, pais, entre outros, devam se atentar à maneira como os jovens se relacionam com a atividade esportiva, promovendo experiências em diferentes modalidades esportivas, bem como em outras atividades além do esporte, o que pode evitar a especialização precoce e o estabelecimento de uma relação rígida com a atividade (Vallerand, 2015). Ressalta-se ainda a importância de as organizações se atentarem para o desenvolvimento de um clima motivacional voltado à colaboração, haja vista as possíveis influências que estas variáveis apresentam sobre a capacidade de cooperação, que certamente não se restringirão ao contexto esportivo, mas se tornam uma habilidade para a vida (Bruner, et al., 2011; Brum & Santos, 2020; Rigoni et al., 2017).

Em relação ao instrumento, ao apresentar à comunidade científica uma adaptação da TSY com propriedades psicométricas adequadas à realidade esportiva brasileira, espera-se oferecer uma contribuição para a área de desenvolvimento positivo de jovens por meio do esporte. Nesse sentido, o instrumento se mostrou capaz de avaliar as atitudes e os comportamentos do indivíduo em relação à sua equipe, com potencial para compor o instrumental de pesquisadores e profissionais interessados em compreender a desenvolvimento desta variável que ocupa um lugar de destaque dentre as habilidades socioemocionais possíveis de serem aprimoradas no contexto do esporte (Vierimaa, Erickson, & Gilbert, 2012). Pois, conforme demonstrado por Freire et al. (2020), a prática esportiva pode promover a percepção dos adolescentes no que diz respeito ao desenvolvimento das habilidades sociais, principalmente quando se trata do trabalho em equipe (metas da equipe, liderança e comunicação).

Considerações finais

Os resultados obtidos na presente pesquisa permitem inferir que os objetivos inicialmente estabelecidos, adaptação do TSY para o contexto esportivo e estimativa das primeiras evidências de validade, foram satisfatoriamente alcançados e que estas evidências corroboram as hipóteses

que fundamentaram o estudo. Embora esses sejam resultados relevantes, limitações da pesquisa podem ser apontadas, como o fato de se basear em uma amostra por conveniência recrutada em ambiente on-line, devido ao isolamento social, e empregar um desenho de pesquisa transversal para o estudo de relação entre as variáveis, o que impede uma compreensão de causa e efeito entre elas.

Contudo, deve-se ter cautela na generalização dos resultados, haja vista que a amostra pode não representar uma importante parcela da população de jovens brasileiros que não tem acesso à internet e aos equipamentos eletrônicos. Para o enfrentamento destas limitações, sugere-se que, após a pandemia, evidências de validade sejam estimadas com base em aplicações da versão lápis-papel do instrumento e evidências de equivalência entre as versões sejam estabelecidas, bem como a realização de estudos que envolvam a coleta de dados longitudinais para as inferências dos efeitos da Paixão pelo Esporte e Clima Motivacional sobre a percepção da capacidade de trabalho em equipe ao longo do tempo. Por fim, sugere-se que esforços sejam realizados para o controle de vieses de resposta como desejabilidade social, aquiescência, entre outros, haja vista os resultados de pesquisas atuais que têm demonstrado a influência destes vieses sobre as respostas às medidas de autorrelato.

Referências

- American Educational Research Association (2014). *Standards for Educational & Psychological Testing*. American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education. https://www.testingstandards.net/uploads/7/6/6/4/76643089/standards_2014edition.pdf
- Anderson-Butcher, D., Amorose, T., Lower, L., Riley, A., Gibson, A., & Ruch, D. (2014a). The case for the Perceived Social Competence Scale-II. *Research on Social Work Practice, 26*(4), 419-428. <https://doi.org/10.1177/1049731514557362>
- Anderson-Butcher, D., Martin, E., Paluta, L., & Gould, D. (2018). Patterns of social skill development over-time among clusters of LiFEsports participants. *Children and Youth Services Review, 87*, 17-25. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.01.044>

- Anderson-Butcher, D., Wade-Mdivanian, R., Paluta, L., Lower, L., Amorose, A., & Davis, J. (2014b). *LiFE sports. Learning in Fitness and Education. Annual Report 2012-2013*. The Ohio State University. <https://lifesports.osu.edu/cdn/2012-2013-LiFE-Sports-annual-report-1.pdf>
- Bean, C., Kramers, S., Forneris, T., & Camiré, M. (2018). The implicit/explicit continuum of life skills development and transfer. *Quest*, 70(4), 456-470. <https://doi.org/10.1080/00336297.2018.1451348>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Brum, F., & Santos, D. C. (2020). Clima motivacional na natação esportiva: uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 9(3), 271-285. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v9i3.10411>
- Bruner, M. W., Hall, J., & Cote, J. (2011). Influence of sport type and interdependence on the developmental experiences of youth male athletes. *European Journal of Sport Science*, 11(2), 131-142. <https://doi.org/10.1080/17461391.2010.499969>
- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In L. Pasquali e colaboradores, *Instrumentação psicológica* (pp. 506-520). Artmed.
- Cater, M., & Jones, K. (2014). Measuring perceptions of engagement in teamwork in youth development programs. *Journal of Experiential Education*, 37, 176-186. <https://doi.org/10.1177/1053825913503114>
- Damasio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a07.pdf>
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and Applications* (2nd ed.). Sage.
- Duda, J. L. (1993). Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In R. Singer, M. Murphey, & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research in sport psychology* (pp. 421-436). Macmillan.
- Freire, G. L. M., Souza Neto, A. C., Santos, M. C., Tavares, J. E. T., Oliveira, D. V., & Nascimento Junior, J. R. A. (2020). Desenvolvimento de habilidades para vida em adolescentes praticantes de esportes individuais. *Research, Society and Development*, 9(8), e154985557. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5557>
- Gould, D., & Carson, S. (2008). Life skills development through sport: Current status and future directions. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1, 58-78. <https://doi.org/10.1080/17509840701834573>
- Heinemann, G. D., & Zeiss, A. M. (2002). *Team performance in health care: Assessment and development*. Kluwer Academic/Plenum. <https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0581-5>
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contribuciones al análisis estadístico*. Universidad de Los Andes/IESINFO.
- Hongyu, K. (2018). Análise Fatorial Exploratória: resumo teórico, aplicação e interpretação. *E&S Engineering and Science*, 7(4), 88-103. <https://doi.org/10.18607/ES201877599>
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S., Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17-71. <https://doi.org/10.1177/0272431604272461>
- Lim, S., & Jahng, S. (2019). Determining the number of factors using parallel analysis and its recent variants. *Psychological Methods*, 24(4), 452-467. <https://doi.org/10.1037/met0000230>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2013). FACTOR 9.2: A comprehensive program for fitting exploratory and semiconfirmatory factor analysis and IRT models. *Applied Psychological Measurement*, 37(6), 497-498. <https://doi.org/10.1177/0146621613487794>
- Lower, L. M., Newman, T. J., & Anderson-Butcher, D. (2015). Validity and reliability of teamwork scale for youth. *Research on Social Work Practice*, 27(6), 716-725. <http://doi.org/10.1177/1049731515589614>
- Luth, M. T., Flinchbaugh, C. L., & Ross, J. (2017). On the bike and in the cubicle: The role of passion and regulatory focus in cycling and work satisfaction. *Psychology of Sport and Exercise*, 28, 37-45. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.10.003>
- Malacarne, M. P., Luiz, S. G., Amaral, T. R., & Siqueira, M. M. (2017). Health service evaluation in Public Health: a survey of research on assessment in Public Health Graduate Programs. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 18(1), 62-67. <https://doi.org/10.21722/rbps.v18i1.15136>
- Malec, J. F., Torsher, L. C., Dunn, W. F., Wiegmann, D. A., Arnold, J. J., Brown, D. A., & Phatak, V. (2007). The mayo high performance teamwork scale: reliability and validity for evaluating key crew resource management skills. *Simulation in Healthcare*, 2(1), 4-10. <https://doi.org/10.1097/SIH.0b013e31802b68ee>
- McEwan, D., & Beauchamp, M. R. (2020). Teamwork in youth sport. In M. W. Bruner, M. A. Eys, & L. J. Martin (Eds.), *The power of groups in youth sport* (pp. 183-202). Academic Press.
- Ministério da Saúde. (2007). *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*. Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Editora do Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf
- Newman, T. J., Alvarez, M. A. G., & Kim, M. (2017). An experiential approach to sport for youth development. *Journal of Experiential Education*, 40(3), 308-322. <https://doi.org/10.1177/1053825917696833>

Newton, M., Duda, J. L., & Yin, Z. N. (2000). Examination of the psychometric properties of the Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire-2 in a sample of female athletes. *Journal of Sport Sciences*, 18(4), 275-90. <https://doi.org/10.1080/026404100365018>

Peixoto, E. M., Nakano, T. C., Castillo, R. A., Oliveira, L. P., & Balbinotti, M. A. A. (2019). Passion scale: Psychometric properties and invariance factor through Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM). *Paidéia*, 29, e2911. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2911>

Rigoni, P. A. G., Belem, I. C., & Vieira, L. F. (2017). Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento. *Journal of Physical Education*, 28(1), e2854. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2854>

Saldanha, R. P., Peixoto, E. M., Palma, B. P., Barbosa, M. L. L., Balbinotti, C. A. A., & Balbinotti, M. A. A. (2022). Evidências adicionais de validade da versão brasileira do Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire. *Avaliação Psicológica*, 21(1), 40-51. <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/252/1565330929866178.pdf>

Schellenberg, B. J., Verner-Filion, J., Gaudreau, P., Bailis, D. S., Lafrenière, M. A. K., & Vallerand, R. J. (2019). Testing the dualistic model of passion using a novel quadripartite approach: A look at physical and psychological well-being. *Journal of Personality*, 87(2), 163-180. <https://doi.org/10.1111/jopy.12378>

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). Principal Components and Factor Analysis. In B. G. Tabachnick & L. S. Fidell (Eds.), *Using Multivariate Statistics* (pp. 476-527). Pearson.

Vallerand, R. J. (2015). *The psychology of passion: A dualistic model*. Oxford University Press.

Vallerand, R. J., Blanchard, C., Mageau, G. A., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les passions de l'âme: On obsessive and harmonious passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756-767. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>

Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport. *International Journal of Sports Science e Coaching*, 7(3), 601-614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>

Xavier, C. C., Melo, S. V. A., Freitas, A. F. L., Contreira, A. R., & Fiorese, L. (2020). Paixão e satisfação atlética em atletas brasileiras de basquetebol universitário. *Research, Society and Development*, 9(7), e512974282. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4282>

Maynara Priscila Pereira da Silva

Psicóloga formada pela Universidade Paulista (UNIP), é mestre e doutoranda do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco (USF). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte e do Exercício – NuEPPEE/USF. Possui experiência na área de Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Avaliação Psicológica, Psicometria e Psicologia do Esporte.

Evandro Morais Peixoto

Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco (USF). Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Membro do XIX plenário do Conselho Federal de Psicologia e coordenador da CCAP. Membro do grupo 'Avaliação Psicológica em Psicologia Positiva e Criatividade' na ANPEPP. É bolsista produtividade em pesquisa 2 do CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte e do Exercício – NuEPPEE/USF.

Endereço para correspondência

MAYNARA PRISCILA PEREIRA DA SILVA

Rua Waldemar César da Silveira, 105

Jardim Cura D'Arç, 13045-510

Campinas, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.